

DA AUREA MEDIOCRITAS

“A mediocridade não reconhece nada que lhe seja superior, mas o talento reconhece a genialidade instantaneamente.” (Sir Arthur Conan Doyle)

Há livros que se leem e se esquecem. Certamente não é o caso de **“O Homem Mediocre”**, de José Ingenieros, Editora do Chain, 3ª edição, 228 páginas, Curitiba, 2016, com tradução de Terumi Bonet Villalba.



Já na Apresentação, Sydney Dittrich Zappa, Desembargador da Justiça do Paraná, nos dá conta que *“este notável pensador argentino, com sua mente brilhante e espírito superior, trata da mediocridade que se verifica em todas as profissões e classes sociais, que a si próprias muito se valorizam.”* Isso equivale a uma síntese feliz e muito apropriada sobre o que o leitor vai encontrar pela frente, neste texto desafiador, desconfortável e realista, que, feito uma soveia, entra na sua carne e revolve o mais fundo do tecido moral.

José Ingenieros (nascido Giuseppe Ingegneri, em Palermo, Sicília, em 1877) ainda criança mudou-se com os pais imigrantes para a Argentina, onde morreu em 1925 precocemente. Além de escritor, foi médico especializado em psiquiatria, psicologia e farmacologia, além de ter-se destacado em sociologia e filosofia.

Foi um homem de forte influência em seu tempo, chegando a merecer o título de Mestre da Juventude da América Latina, de ideias anti-imperialistas, com forte simpatia pelo Anarquismo, e um dos fundadores do Socialismo na Argentina, mesmo não atuando partidariamente na política.

Seus ensaios refletem sua forte formação positivista, com nítida influência do médico criminalista italiano Cesare Lombroso e do naturalista inglês Charles Robert Darwin, provavelmente fruto de sua sólida formação em Medicina, com especialização em psiquiatria, psicologia e criminologia. Em *“O Homem Mediocre”*, o desenvolvimento de seus argumentos tem contornos científicos muito acentuados, em sua maioria de grande valor atual, bastante pertinentes para nossos dias em que a mediocridade praticamente se tornou moeda de troca entre nossos homens públicos, políticos e do meio empresarial, fortemente vinculados aos bastidores do Estado brasileiro, espalhando-se nas atitudes mais comezinhas do homem comum. A mediocridade tornou-se uma espécie de *“doença”* dos tempos atuais, em todas as instâncias.

Ingenieros não é nem um pouco concessivo com suas ideias e muito menos diplomático ao atacar o homem em seus defeitos. Na medida em que o leitor vai aprofundando na leitura, vai também percebendo o forte teor darwinista de Ingenieros e os defeitos morais vão sendo revelados num verdadeiro processo de seleção natural que acontece durante a dissecação da escala dos valores humanos, entre os extremos da genialidade e da idiotia. Não nos esqueçamos de que Charles Robert Darwin publicou *“A Origem das Espécies”* em 1859, e suas ideias mudaram os destinos do mundo e a Ciência nunca mais foi a mesma. E Lombroso, muito contestado na atualidade, publicou *“O Homem Delinquente”* em 1876, exercendo forte

influência na Psiquiatria e na Criminologia da época. Cientista que era, e sintonizado com seu tempo, Ingenieros não poderia se furtar à influência de ambos e suas ideias transcendem em muito a ambos, chegando com forte valor até nossos dias.

A literatura trata fartamente de grandes homens, heróis, gênios, santos ou, no outro extremo, de párias e idiotas. O corcunda imortalizado por Victor Hugo possuía a fealdade dos quasímodos e a beleza das grandes almas, vivendo metaforicamente nos subterrâneos úmidos e escuros da ativa e bela Catedral de Notre Dame. Não é de tais extremos que o ensaio de Ingenieros trata; interessa-lhe compreender e dissecar o homem médio, o homem comum, aquele que vende a alma pela segurança, que passa a vida perseguindo o ideal do “medio tutissimus ibis” (pelo meio vai-se com segurança). Este homem médio é o que faz a massa amorfa e manipulada de todos os povos. *“Todo sonho seguido por multidões só é pensado por poucos visionários, que são seus amos. Há homens mentalmente inferiores à média de sua raça, de seu tempo e de sua classe social. Também existem os superiores. Entre uns e outros flutua uma grande massa impossível de ser caracterizada por inferioridade ou excelência.”* – eis os medíocres de que a literatura sociológica do ensaísta fustiga impiedosamente.

Ditos clássicos de que “o equilíbrio está no meio”, ou latinos como “in médio, virtus”, que sempre soaram como verdades, são desconstruídas sem compaixão por Ingenieros. Com ironia ferina, ele nos ensina que **se a virtude estivesse no meio, um homem medíocre seria o homem virtuoso**. Virtude para Ingenieros é outra coisa. Virtude tem relação umbilical com a genialidade e o gênio não desfruta de boa-vida entre os homens por ocupar lugar de destaque e tirar a mediocridade da zona de conforto. *“Nos povos domesticados, chega um momento em que a virtude parece uma ofensa aos costumes.”* (p. 128)

Remetemos o leitor para o capítulo I, seção III, onde vai encontrar trechos como *“Não caímos no erro de admitir que os homens medíocres podem ser reconhecidos por atributos físicos ou morais que representem um termo médio dos observados na espécie humana. (...) Nesse sentido, o homem normal não seria sinônimo de homem equilibrado, mas de homem domesticado. (...) O homem sem personalidade (neste caso, equilibrado) não é um modelo, mas uma sombra.”* (p. 43)

Ao lado da mediocridade, os valores morais e a inveja merecem tratamento especial, com um enfoque igualmente agudo, bem como a construção dos grandes ideais que fazem de povos medianos grandes construtores sociais no concerto das nações.

Uma última consideração, um tanto subjetiva, por entender que pode ser pertinente à conclusão: dois ícones da literatura argentina, José Hernández – que escreveu “Martín Fierro” – e Domingo Faustino Sarmiento Albarracín – que escreveu “Facundo, Civilização e Barbárie” – ajudaram a entender o espírito intrépido dos gaúchos dos pampas, que estão na base da construção da altivez e orgulho com que o argentino encara a vida. Culturalmente, o argentino julga-se com liberdade e coragem para dizer o que pensa doa a quem doer. Importa-se muito consigo mesmo e pouco com os outros, talvez por efeito de uma vida construída a partir dos sofrimentos e das pelejas que enfrentou durante os séculos em que foi sua alma sendo construída a ferro e fogo, até a Argentina se tornar, no final início do Século XX, a nação mais desenvolvida da América do Sul. Mais exatamente a partir da Presidência de Domingo Sarmiento, nono Presidente Argentino, entre 1868 e 1874, quando implantou a grande revolução educacional que colocou a Argentina entre as grandes nações do mundo, ombro a ombro com a educação da Europa. É possível concluir, pela franqueza e honestidade das colocações corajosas em “O Homem Medíocre”, que este ensaio devastador, iconoclasta, inquietante, não poderia ter sido escrito senão por José Ingenieros, um argentino de sangue siciliano, espírito profundamente independente, dotado de altivez cultural NEM UM POUCO CONCESSIVA.

Encerremos com as próprias palavras do autor: *“Todo homem de gênio é a personificação suprema de um ideal. Contra a mediocridade, que assedia os espíritos*

originais, convém fomentar seu culto; robustece as asas nascentes. Os destinos mais altos fortalecem-se na frágua da admiração. Depositar a própria fé em algum sonho, apaixonadamente, com a mais profunda emoção, é ascender às alturas onde paira a glória. Ensinando a admirar o gênio, a santidade e o heroísmo, preparam-se climas propícios a seu advento. (...) Enquanto existirem corações que animem o anseio da perfeição, serão comovidos por tudo o que revela fé em um ideal: pelo canto dos poetas, pelo gesto dos heróis, pela virtude dos santos, pela doutrina dos sábios, pela filosofia dos pensadores.” (p. 225)

Para arrematar: *"El genio ignora las artes del escalamiento y las industrias de la prosperidad material. En la ciencia busca la verdad, tal como la concibe; ese afán le basta para vivir."*

“O Homem Mediocre” é um livro que possui a força do TANGO, agressivo e arrasador, apaixonado e apaixonante. O leitor não sairá, depois da leitura desta obra magnífica, o mesmo. Vale a pena conferir.

Waldomiro W. Peixoto – Cadeira 16.